

---

*Representações homoeróticas masculinas na cultura  
material romana e as exposições dos museus:  
o caso da Warren Cup*

*Male homoerotic representations in roman material culture  
and the museum exhibits: the case of the Warren Cup*

*Renato Pinto\**

---

**Resumo:** A taça romana de prata conhecida como *Warren Cup* e seus relevos homoeróticos masculinos têm cativado mentes por décadas. Sendo um artefato do período de Augusto, suas representações sexuais podem carregar aspectos das ideologias do masculino daquela sociedade. Uma análise das variadas interpretações de suas imagens e de sua conturbada trajetória por muitos museus no séc. XX pode nos induzir a pensar nas diferentes atitudes do passado e do presente para com cenas homoeróticas masculinas.

**Palavras-chave:** Roma antiga; masculinidade; *Warren Cup*.

**Abstract:** The Roman silver vessel known as The Warren Cup and its male-to-male homoerotic reliefs have captivated minds for decades now. As an artifact of Augustan period, its sex representations can convey aspects of masculinity ideologies in that society. An analysis of the varied interpretations of its images and of its troublesome trajectory through many museums in the 20th century can induce us to ponder about the differences between past and present attitudes towards male homoerotic scenes.

**Keywords:** Ancient Rome; masculinity; Warren Cup.

---

\* Pós-Doutorando pelo MAE/USP. Doutor em História Cultural pelo IFCH/Unicamp. Mestre em Arqueologia pelo MAE/USP. Bolsista da Fapesp. *E-mail:* tdhm@uol.com.br

## Introdução

Talvez uma das mais intrigantes representações materiais da prática sexual entre homens que chegaram até nós da Roma imperial esteja na *Warren Cup*, uma taça – ou mais precisamente, um *kantharos* – de prata, oval, de 11 centímetros de altura, que hoje, depois de terem sido perdidas as duas alças que a ladeavam, pesa 359 gramas. (WILLIAMS, 2006, p. 7, 38). A peça teria sido encontrada nas cercanias de Jerusalém, em um pequeno lugarejo datado do início do séc. I d.C. Não há consenso sobre como ou por que a taça teria ido parar lá, sendo descoberta no séc. XIX a quase 6 metros de profundidade. O local do achado, dada a simplicidade de outros materiais arqueológicos presentes, não seria o esperado para abrigar a taça, que, feita de prata e decorada com primoroso cuidado do ourives, teria tido altos custos envolvidos em sua confecção. É bem provável que tivesse pertencido a um indivíduo ou a uma família da elite. O que se pode dizer com mais certeza é que a peça foi comprada pelo colecionador americano Edward Perry Warren (1860-1928), no início do séc. XX. Mas as certezas param por aí, já que as circunstâncias da compra não estão nada claras. Após a morte de Warren em, 1928, a taça que, com o tempo, passou a ser conhecida como a *Warren Cup*, percorreu um longo, tumultuado e obscuro caminho até as salas de exposições do Museu Britânico, onde está hoje. A explicação para sua fama atual não se deve à época à qual sua fabricação está associada, muito menos à sua tipologia. O que a faz tão famosa, atualmente, são as repercussões modernas causadas por seus relevos externos, ricos em detalhes ao mostrar cenas homoeróticas entre homens de variadas idades.

Essa reflexão sobre a *Warren Cup* pretende ressaltar o potencial que a cultura material pode ter como fonte de estudos sobre as práticas sexuais humanas e seu papel discursivo nas sociedades do passado e do presente. Como artefato, a *Warren Cup* possui uma trajetória histórica que permitiria aos arqueólogos e a outros estudiosos analisarem as várias formas de representar o homoerotismo na Roma imperial, seus significados naquela sociedade e, também, como tais representações e conceitos antigos são reinterpretados no contexto das preocupações modernas com a sexualidade humana, em especial, nesse caso, com a homossexualidade masculina. Embora epistemologicamente a cultura material possa ser estudada como fonte autônoma, quando disponíveis, as fontes textuais primárias e secundárias podem ser valiosas para a ampliação de nossas capacidades interpretativas sobre um determinado tema. A *Warren Cup* parece ensejar justamente isso: partindo da observação e análise de seus relevos com representações

homoeróticas, passando pelo estudo das ideologias do poder falocêntrico em Roma, pode-se chegar à sua ressignificação moderna na forma como as curadorias dos museus têm lidado com coleções e artefatos que são compreendidos como controversos.

Neste texto, os termos *homossexual*, *homossexualidade* ou *heterossexual* e *heterossexualidade*, quando aplicados às práticas sexuais da Antiguidade, circunscrevem-se a qualquer forma de erotismo e/ou ato considerado sexual compartilhado por dois ou mais indivíduos que possam ser compreendidos como do mesmo sexo em dada cultura. Aqui, *homossexual* e *heterossexual* não determinam categorias identitárias separadas, como são normalmente compreendidas hoje. Para os atos sexuais romanos, os termos *ativo* ou *passivo* foram evitados, a fim de não darem a entender que os parceiros sexuais penetrados estivessem tolhidos do prazer do sexo na Roma antiga.<sup>1</sup> Assim, preferiu-se o uso de termos *penetrador* e *penetrado*, por menos elegante que possam soar aos nossos ouvidos. Por fim, quando emergem os termos *helenístico*, *helenizado* ou *romano*, eles aparecem porque, adotados pelos autores citados, não implicam que devam ser aceitos como generalizações livres de problemas.

### A chegada da *Warren Cup* à modernidade

Não há certezas ou consensos sobre o local onde a *Warren Cup* teria sido achada. Segundo Dyfri Williams, curador do Museu Britânico e autor de *The Warren Cup* (2006), houve rumores de que a taça tivesse sido encontrada na Síria ou na região da Palestina. Todavia, tais rumores foram dissipados a partir de um detalhado inventário de peças herdadas por Harry Thomas – o protegido de Edward Warren – feito em 1938 e descoberto pelo historiador David Sox. A lista de objetos inventariáveis conteria uma descrição detalhada da taça, acompanhada de informações sobre o local de sua descoberta: “Diz-se que foi encontrada em Bitir, a seis milhas de Jerusalém, a 20 pés de profundidade”. (WILLIAMS, 2006, p. 47-48). O arqueólogo clássico John Beazley (1885-1970), que fora amigo de Warren e admirador de sua coleção, chegando a catalogar parte dela, teve posse a um relatório que associava a descoberta da taça a moedas da época do governo de Cláudio (41-54 d.C.).

A taça foi comprada por Edward Warren em 1911 (WILLIAMS, 2006, p. 48), e, apesar desses dados, não se sabe o nome de seu vendedor. Pensa-se que pode ter sido o arqueólogo alemão Ludwig Pollak, dada sua ligação

com as escavações promovidas na região da Palestina e de Jerusalém. Há indícios de que Warren teria negociado outros itens com Pollak. (WILLIAMS, 2006, p. 48; SOX, 1991, p. 55).

Uma vez que Bitir não se parece com uma localidade que contasse com uma elite romana ou local abastada o suficiente para que entre seus utensílios de mesa circulasse um vasilhame como a *Warren Cup*, a possibilidade maior é a de que teria sido lá escondida, para evitar seu roubo, talvez em um momento de instabilidade política, como durante a Revolta Judaica (66-74 d.C.). Vale lembrar, ainda, que foi em Bitir, chamada de *Bethther*, na Antiguidade, que o revolucionário Bar Kochba teria lutado sua última batalha contra os romanos na revolta de 135 d.C. Não há qualquer menção conhecida à taça na Antiguidade que permita apontar uma explicação mais elucidativa de seu deslocamento final até Bitir.

A *Warren Cup* está marcada pelo uso prolongado de décadas, provavelmente fruto de diversas limpezas. (WILLIAMS, 2006, p. 48). Assim, pode-se pensar que não teria sido apenas um objeto para a fruição visual, decorativo, mas, antes, poderia mesmo ter sido usada como receptáculo de líquidos, à mesa. O material do qual é feita e o trabalho e a perícia despendidos pelo artífice em seus ornamentos faz da *Warren Cup* uma peça luxuosa, provavelmente inserida em um contexto de *convivium*, ou seja, de banquetes e comensais da elite.<sup>2</sup>

Entre os pares de vasilhames de prata de Pompeia e adjacências, pode-se notar, quanto aos seus relevos, ora uma cópia exata, ora uma complementação de imagens entre si. Os motivos florais, faunísticos e de práticas humanas rústicas ou ritualísticas estão entre os principais temas pictóricos. (WILLIAMS, 2006, p. 34). Assim, imagina-se que poderia ter havido um par para a *Warren Cup*.

Para além do uso nas residências daqueles que poderiam encomendar a cara fabricação de taças de prata, vale lembrar que tais objetos também poderiam ser valiosos e prestigiados presentes diplomáticos. Em Roma, a grande procura por taças de prata, na segunda metade do séc. I a.C., levou à contratação de muitos artesãos da região do velho mundo helenístico. (WILLIAMS, 2006, p. 36).

O artesão que fez a *Warren Cup* era altamente qualificado. A peça, de grande complexidade artesanal, é composta de dois recipientes côncavos, encaixados um no outro. As imagens em relevo foram feitas no recipiente externo, a partir de batidas no reverso (técnica *repoussé*). Os detalhes foram então cinzelados e entalhados, recebendo, é provável, uma camada de ouro

no fim, eliminada com o uso. A taça possui uma camada interior lisa, separada da externa, o que facilitaria a fluidez da bebida e a limpeza interna da peça. O recipiente interno garante a estabilidade do vaso externo, muito fino para sustentar sem algum apoio interno a pressão das mãos que o segurassem, por exemplo. A *Warren Cup* contava, no passado, com duas alças, hoje perdidas. Tanto as alças quanto o pé foram fundidos em separado. Inicialmente, acreditava-se que havia sido confeccionada entre 50-70 d.C., mas, a partir de uma nova datação química, estabeleceu-se sua origem entre 5 ou 15 d.C. (WILLIAMS, 2006, p. 7, 38; FROST, 2010, p. 142).

A datação da *Warren Cup* pode ser feita de várias maneiras, entre elas a análise estilística, tendo como comparação estilos decorativos semelhantes em peças feitas de outros materiais, ainda mais porque algumas contam com inscrições que permitem uma cronologia mais segura. Por meio dessas comparações, acredita-se que a *Warren Cup* teria sido feita por volta do fim do governo de Augusto ou no início do de Tibério (algo entre 5 e 15 d.C.). Até mesmo o nome do possível ourives é proposto por Dyfri Williams: o grego Queirísofo. (WILLIAMS, 2006, p. 46).<sup>3</sup>

Havia uma grande relação entre as imagens dos relevos de vasilhames de prata e aqueles feitos de vidro-camafeu (*cameo glass*), uma requintada técnica de sobreposição de camadas coloridas de vidro que são, então, esculpidas para criarem figuras brancas opacas em um fundo negro ou colorido, geralmente. Seu consumo, imagina-se, também era restrito às pessoas de posse. Os motivos sexuais dos relevos da *Warren Cup* são encontrados em alguns desses camafeus, ainda que, na maior parte das vezes, na forma de práticas heterossexuais. (WILLIAMS, 2006, p. 38-39). Ainda, alguns vasos de cerâmica arretina, esses de custo inferior e de fabricação mais massificada, mostram cenas tanto hetero quanto homoeróticas. Embora muito semelhantes, as imagens eróticas encontradas em taças de prata, camafeus de vidro e potes de cerâmica arretina não são idênticas, pois parecem indicar que podem provir de um repertório temático comum à elite requintada do Império, mais do que serem o resultado de uma simples transposição imagética de um tipo de utensílio para outro. (WILLIAMS, 2006, p. 41-42). Mesmo que as imagens da *Warren Cup* ou dos camafeus de vidro ficassem restritas às decorações de casas da elite dado o alto custo desses objetos, aquelas que constassem dos vasos de cerâmica arretina poderiam se difundir por todo o império, dado o baixo custo de produção e a grande comercialização da cerâmica romana. (CLARKE, 1998, p. 75-76).

## Os relevos da *Warren Cup*

Não há a pretensão de aqui descrever exaustivamente a *Warren Cup*, nem de elencar os outros artefatos que podem compartilhar de iconografia semelhante à dela, e que servem de subsídio para sua contextualização e autenticidade. O que apresento a seguir é um apanhado historiográfico do tratamento interpretativo de seus relevos. Sua decoração tem sido estudada há décadas, mas, com maior atenção, apenas nos últimos quinze anos, e tem produzido variadas interpretações.

Os relevos da *Warren Cup* apresentam motivos humanos; uns poucos florais; cenas de decoração interior, composta de porta, drapeados e mobiliário; e, ainda, alguns instrumentos musicais, como oboés (*auloi*) e uma cítara (*lyra*). Mas são, primordialmente, dois casais masculinos em meio ao ato sexual, com penetração anal, cada qual em uma cena distinta, que dominam o composto decorativo da taça. Os casais não são as únicas pessoas, já que há um quinto indivíduo: um menino que, parado perto de uma porta entreaberta, observa o desenrolar de uma das cenas sexuais.

De forma resumida, a *Warren Cup* pode ser dividida, aleatoriamente, em três segmentos: A, B, e um complemento do lado A. No lado A (figura 1), vemos uma cena que é composta de um homem maduro, barbado, usando uma coroa de murta e deitado sobre uma cama, penetrando um rapaz, sem barba, que se senta sobre seu colo. A idade dos dois não parece ser muito diferente, mas o homem barbado pode ser tido como um pouco mais velho do que seu parceiro.<sup>4</sup> Para John Clarke, não há significativa diferença de idade ou de *status* social entre os dois homens da cena (CLARKE, 1998, p. 86; 2003, p. 90) e, na opinião de Dyfri Williams (2006), o rapaz penetrado seria mais jovem que o homem barbado e teria entre 13 e 18 anos, já mais para o fim de sua *flos aetatis* (p. 58). O rapaz penetrado segura com uma das mãos uma cinta presa ao teto do ambiente e parece se ajeitar no colo do barbado para facilitar a penetração anal. Ambos têm cabelos curtos e somente o homem barbado usa coroa de murta. A cena do lado A não mostra qualquer sinal de agressividade, e transparece contenção de sentimentos. (WILLIAMS, 2006, p. 12).

No lado B (figura 2), vemos um rapaz sem barba e (embora nem todos os autores concordem)<sup>5</sup> com uma longa mecha lisa de cabelos, presa na parte de trás de sua cabeça por uma coroa de murta, como num rabo-de-cavalo (WILLIAMS, 2006, p. 52, 58), penetrando um garoto de cabelos com partes mais compridas do que outras (há na imagem do garoto um tufo de cabelos compridos, soltos, que nascem da parte superior de trás de sua

cabeça e descem até encobrir toda sua nuca). Aqui, uma clara diferença etária entre os dois indivíduos está demarcada: o penetrado mal chegou à adolescência. (CLARKE, 1998, p. 66). Os órgãos genitais do menino aparecem na cena, e seu corpo parece impúbere, enquanto, o do rapaz, só vemos um dos testículos, o que permitiria dizer que não se trata de uma cena de sexo intercrural (entre as coxas), mas de efetiva penetração anal. (CLARKE, 1998, p. 67). Na opinião de Dyfri Williams (2006), o rapaz parece ter em torno de 16 anos, enquanto o garoto penetrado poderia ter 12 ou 13. (p. 58).

Entre as duas cenas, como complemento do lado A, vemos uma porta entreaberta na qual está parado um menino de cabelos muito curtos e que veste uma túnica não cinturada – ambas características físicas e indumentárias atribuídas aos escravos em Roma. Ele espia a cena que se desenrola no lado A. (CLARKE, 1998, p. 61-67; WILLIAMS, 2006, p. 11). Também no lado B, não se pode dizer que haja alguma forma de agressividade representada, ainda que a idade do parceiro penetrado pareça tão tenra para os padrões ocidentais modernos (ver mais ao fim uma menção a respeito de representações pedófilas nos museus).

Muitos dos gestos expressos nos relevos da *Warren Cup* encontram eco em outras representações greco-romanas constantes de outros veículos pictóricos, como vasos ou pinturas parietais. (CLARKE, 1998, p. 68). A cinta que desce do teto no lado A também aparece em outras representações eróticas na arte greco-romana (WILLIAMS, 2006, p. 12) e poderia indicar que aquele ambiente estivesse preparado para a prática do sexo, ou seja, as cenas se desenrolariam em um bordel (*lupanar*). (WILLIAMS, 2010, p. 101-102). Mas nem todos concordam com essa hipótese, e os penteados e os pelos faciais ganham força em meio a um grande número de interpretações divergentes, algumas das quais apresento a seguir.

### Interpretações da *Warren Cup*

O século antes de Augusto e o período de seu governo foram marcados pela grande procura por arte e artistas gregos (CLARKE, 1998, p. 83), e existe quase que um consenso de que as imagens da *Warren Cup* parecem remeter a um estilo artístico helenizado, em maior ou menor grau. Há alguns indícios para isso, como os penteados, o uso ou não de barba, e a presença de instrumentos musicais como a *lyra* e os *auloi* distribuídos entre as cenas. Mas o que, nos relevos da *Warren Cup*, poderia destoar da tradição imagética grega seria sua adequação a certos protocolos de decoro que

regem às representações sexuais e à ideologia da masculinidade romanas. Voltarei a esses últimos componentes mais à frente.

Quanto ao uso da barba, o que se argumenta é que os homens romanos não costumavam cultivá-la à época em que a taça teria sido feita (WILLIAMS, 2010, p. 102),<sup>6</sup> o que poderia classificar o homem barbado no lado A da *Warren Cup* como um estrangeiro, oriundo do lado oriental do Império, talvez. (CLARKE, 1998, p. 89). Na opinião de Dyfri Williams (2006), para quem a diferença de idade entre os indivíduos do lado A não seria desprezível, o homem barbado é um homem grego (*erastês*), e assim também o seria seu jovem parceiro sexual (*eroménos*). De fato, para o autor, todos os elementos artísticos representados na *Warren Cup* seriam fruto de inspiração grega, ao menos como arte helenística percebida como tal pela sociedade romana do séc. I d.C. (p. 58-59).

Quanto ao corte dos cabelos, o que está em questão é o *status* dos jovens de cabelos compridos representados no lado B da *Warren Cup*. Alguns autores não consideram que o jovem que penetra o garoto possui um rabo-de-cavalo, como comentado acima, e somente o uso de mechas longas do garoto penetrado é analisado por Clarke (1998, 2003) e por Pollini (1999), por exemplo. Para esses autores, os cabelos longos do garoto são marca de sua condição de escravo. (POLLINI, 1999, p. 29-36; CLARKE, 1998, p. 71; 2003, p. 84-85).<sup>7</sup> Para Clarke (1998), os meninos romanos livres usavam cabelos curtos a fim de se assemelharem aos cidadãos adultos (CLARKE, 1998, p. 81, 87) e, ainda que a inspiração do artista da *Warren Cup* possa ter vindo do auge da “idade de ouro” grega do séc. V a.C., sua obra estava plenamente adaptada para o público romano do período de Augusto. (CLARKE, 1998, p. 71).

Já para Dyfri Williams (2006), que atribui aos dois indivíduos do lado B o uso de cabelos longos, as longas mechas atrás da cabeça seriam características do *coiffure* dos jovens cidadãos gregos antes da oferenda daquela parte de seus cabelos para as divindades durante o ritual de passagem para a idade adulta (*koureion*). (WILLIAMS, 2006, p. 52). Sendo assim, as mechas de cabelo comprido indicariam que não há escravos no lado B. E, se tido como certo que a barba não era comum ao homem livre do período de Augusto, então o lado A mostraria uma típica cena pederástica ao estilo grego, *erastês* e *eroménos*: sem a presença de escravos. Logo, o que se veria nas imagens da *Warren Cup*, helenística em sua composição, eram dois casais masculinos de cidadãos gregos, com exceção, talvez, do menino que

observa a cena do lado A. Isso poderia enfraquecer a hipótese de que o local seria um bordel. (WILLIAMS, 2006, p. 52, 59).

Todavia, a interpretação de Dyfri Williams não é unânime. Outros autores, embora aceitem que haja certo pendor para os estilos helenizados, não consideram que a concepção artística da *Warren Cup* seja estranha aos protocolos romanos de representação sexual. Para Craig Williams (2010), há uma mistura de significados nos relevos, que, associados às representações explícitas de penetração anal *de e entre* jovens imberbes, mais a presença do escravo-garoto como objeto de prazer, marcam a taça como fruto e aporte da ideologia romana de masculinidade, a mesma observada nos textos dos autores romanos dos séculos I a.C. e I d.C. (p. 102).

John Clarke (2003) também não considera que a *Warren Cup* seja uma expressão alienígena à arte romana, mas a vê como contestadora da ideologia masculina da época, atestada pela tradição textual. (CLARKE, 2003, p. 61). Mas quais seriam os pressupostos da masculinidade romana quanto ao sexo à época da fabricação da *Warren Cup*?

## Ideologia e protocolo da masculinidade em Roma

Se tomássemos a maioria das fontes textuais romanas dos séculos I a.C. e I d.C. como veículos da ideologia sexual masculina daquela época, poderíamos argumentar que os romanos não possuíam inclinação para julgar ou categorizar o homem romano a partir do sexo de seu par sexual. É preciso lembrar que falamos aqui do homem livre de nascença, o *ingenuus*. O que os textos parecem indicar é o que se esperava do homem romano, o *uir*: seu papel de dominante no ato sexual e o *status* de submissão atribuído ao seu *objeto* de sedução e desejo, por assim dizer. Esse sujeito submetido ao *uir* poderia ser homem ou mulher. (WILLIAMS, 2010, p. 137). Dessa feita, categorias modernas como *homossexual* ou *heterossexual* não seriam aplicáveis ao homem romano livre.

A conceituação do que é um homossexual ou um heterossexual como *entidades* separadas surgiu com o advento da psicologia como uma ciência na era Vitoriana, como apontam os estudiosos: Michel Foucault, em seu primeiro volume da obra *História da sexualidade* (2005, p. 43-44); Sinfield (1994, p. 12-13); e Jeffrey Weeks (apud WILLIAMS, 1999, p. 7). Muitas culturas desconhecem a classificação do indivíduo como um ser humano diferente dos outros quando esse participa de práticas sexuais com alguém do mesmo sexo. Isso pode ser dito da situação na Grécia e na Roma antigas,

mas, também, da vida em Florença na Renascença, do Japão pré-moderno, de certos povos melanésios e de certas tribos de ameríndios. (GREENBERG apud WILLIAMS, 1999, p. 7).

A identidade masculina em Roma estava baseada em um tipo de distinção binária entre os homens livres, que deveriam penetrar sexualmente (WILLIAMS, 2010, p. 270) e qualquer outra pessoa, de qualquer gênero e de *status* inferior, o penetrado. Havia, é certo, restrições com relação ao *status* social do penetrado, mas não ao sexo desse. Dessa forma, escravos de ambos os sexos, prostitutas, prostitutos<sup>8</sup> ou moças solteiras de classe inferior, todos esses poderiam se tornar *objetos* de penetração. O sexo possuía um aspecto hierárquico de classe, cujas forças eram representadas por paradigmas que reforçavam o gênero do penetrador e ignoravam o gênero (masculino ou feminino) do penetrado. (WILLIAMS, 1999, p. 7-8). Está demarcada aqui a questão do *status* social no ato da penetração. (WILLIAMS, 1999, p. 7-8). A premissa conceitual da masculinidade romana estava fundamentada na identidade de gênero, não na orientação sexual. E o gênero dependia da dicotomia entre ser masculino, o ativo, ou ser qualquer outra categoria receptora da penetração do falo. (WILLIAMS, 1999, p. 14).<sup>9</sup>

Um estudo sobre qualquer aspecto sociocultural romano não poderia deixar de tocar na relação entre Roma e Grécia, especialmente após a anexação da última no séc. II a.C. Mesmo os autores romanos admitiam a influência que a cultura grega havia imprimido em Roma. Há uma tendência entre autores modernos de associarem a essa conexão não apenas a existência da pederastia em Roma, mas também a forte presença de relações *homoeróticas* na sociedade romana. Dessa forma, tem-se a impressão de que antes da anexação da Grécia, o ideal masculino romano era predominantemente *heterossexual*.<sup>10</sup>

Mas fontes antigas parecem mostrar que a aceitação da homossexualidade masculina precede, em muito, o séc. II a.C. Textos de autores romanos conservadores que escreveram perto do período de anexação da Grécia, como Catão o Censor, Cipião Emiliano e Caio Graco, não apresentam a pederastia como uma herança estrangeira. (WILLIAMS, 1999, p. 16-17, 22). A crítica que os autores romanos dirigiam às relações homossexuais gregas se destinava ao ato sexual da pederastia, que implicava o sexo entre dois *ingenui*, ainda que com idades díspares. Esse ato poderia ser considerado um crime de *stuprum*.<sup>11</sup> A restrição estava ancorada no *status* do garoto penetrado e não em seu sexo. De fato, para os romanos, cortejar uma prostituta também era considerado um costume *grego*. A pederastia, como um *presente grego* deve ser questionada, portanto.

## A *Warren Cup* e as diretivas da masculinidade romana

À luz do que foi apresentado acima a respeito dos protocolos que classificariam os atos sexuais do homem romano como dignos ou não, o lado B da *Warren Cup* somente poderia ter escandalizado o público romano se o garoto penetrado tivesse o *status* de um *ingenuus*. As interpretações que o designam como escravo – ou, simplesmente, de *status* inferior ao do rapaz que o penetra – aproximam a cena ao apregoado pelo protocolo falocêntrico romano, que pressupunha a desigualdade social entre penetradores e penetrados.

Contudo, para aqueles que defendem que havia horror às práticas sexuais entre dois *ingenui*, a cena do lado A se torna muito mais complexa, se não uma afronta.<sup>12</sup> Se não é possível afirmar que haja significativas marcas de diferenças de *status* entre os dois homens, nem na idade nem no físico, então a *Warren Cup* estaria quebrando o paradigma romano da desigualdade de *status* da penetração do falo. (CLARKE, 2003, p. 61).<sup>13</sup> Mas há alguns elementos a serem considerados: existe uma diferença física entre eles: a presença de barba no homem que penetra, e, além disso, nem todos os autores concordam que tenham a mesma idade, como já exposto acima. Algumas interpretações parecem indicar que se trata de uma cena de bordel, podendo o homem penetrado ser, dessa feita, um prostituto ou escravo-sexual, que se segura a uma cinta convenientemente fixada ao teto do ambiente (CLARKE, 2003, p. 62), e a barba seria a marca de superioridade e da força dominante do *uir*. Nessa interpretação, a cena de sexo se encaixa sem problemas no discurso sexual masculino romano: há diferença de *status* entre os indivíduos representados no lado A da *Warren Cup*. (WILLIAMS, 2010, p. 352, n. 155).

Se a interpretação de Dyfri Williams de que estamos diante de imagens de homens gregos livres, ou seja, não romanos, estiver certa, então não há quebra alguma de protocolo sexual na *Warren Cup*, já que estrangeiros não compartilhavam nem do mesmo *status* do cidadão romano nem da mesma masculinidade do *uir* romano. (WILLIAMS, 2010, p. 148). Quando as opiniões tendem para as comparações entre os relevos da *Warren Cup* e os modelos gregos de representação de atos sexuais, hetero ou homossexuais, a convicção de Dyfri Williams a respeito do conteúdo helenizado das imagens da *Warren Cup* pode ser questionada. A imagística grega evitava mostrar o ato de penetração anal de maneira explícita. (CLARKE, 1998, p. 77-78; WILLIAMS, 2010, p. 101), como acontece nas duas cenas da taça romana.

Talvez o significado da *Warren Cup*, na Antiguidade, possa ser entendido de maneira mais promissora se a multiplicidade de interpretações sobre as ideologias romanas derivadas de suas imagens for tida como uma virtude e não como uma falha. Podemos esperar que houvesse descompassos entre o que pregam os discursos ideológicos e o que se pode encontrar na prática quotidiana. Os textos que nos permitem interpretar tais ideologias são, em sua maioria, fruto da elite que os produziu. Não há uma grande variedade social neles: as vozes das mulheres, dos escravos, dos excluídos em geral, são quase sempre inaudíveis por serem vocalizadas pelos homens que se consideram a eles superiores. A arqueologia pode prestar um grande serviço na interpretação do passado ao estudar artefatos como a *Warren Cup*, que, como aparato ideológico, parecem indicar a existência, no passado, de um *gamut* discursivo sociocultural muito mais complexo e matizado do que se poderia imaginar.

A riqueza de detalhes retratados na *Warren Cup* nos faz lembrar como pesquisadores de várias áreas do conhecimento podem contribuir para melhor compreendermos como se constituíam e operavam as ideologias do masculino e do feminino no mundo greco-romano. Só para ficarmos em um exemplo, vale lembrar que há elementos iconográficos não humanos na taça, como os instrumentos musicais. No Brasil, o arqueólogo clássico Fábio Vergara Cerqueira desenvolve, há anos, estudos sobre a iconografia musical nos vasos gregos, e seus trabalhos em muito podem contribuir para novas interpretações dos relevos da *Warren Cup*, por exemplo.<sup>14</sup>

A preocupação com a *Warren Cup* e as contribuições ao seu estudo não se limitam a historiadores ou arqueólogos clássicos, naturalmente. Também no Brasil, há alguns anos, o linguista João Ângelo Oliva Neto (1995) publicou um primoroso trabalho que inter-relaciona os poemas pederásticos de Catulo e a *Warren Cup*, a fim de tecer considerações sobre a mentalidade romana a respeito da homossexualidade.

### A *Warren Cup* e os museus

Como dito, a *Warren Cup* recebeu esse nome em razão de seu primeiro dono moderno: Edward Perry Warren, também conhecido como Ned Warren (WILLIAMS, 2006, p. 17).<sup>15</sup> Nascido em Massachusetts, perto de Boston, em 1860, e de família rica, Ned Warren nutria particular admiração pela arte grega e se notabilizou como um ávido colecionador de *curiosa* erótica.<sup>16</sup> Muitas das peças da coleção particular de Warren foram doadas em vida

para o *Museum of Fine Arts de Boston*, sendo que grande parte daquelas de cunho homoerótico ficou confinada à sua casa em Sussex, Inglaterra: a *Lewes House*. (FROST, 2010, p. 143-144).

É certo que o Museu de Boston contou com uma coleção de peças eróticas doadas por Warren por volta de 1908, a chamada *The Warren Collection of Erotica*. As peças, no entanto, não figuram no catálogo de 1925, feito pelo curador de arte clássica do museu, L. D. Caskey, porque a coleção erótica só teria sido examinada e catalogada na década de 50 (séc. XX) (SOX, 1991, p. 253). A coleção erótica de Warren só foi exposta pelo Museu de Boston nos anos 50 do séc. passado. O puritanismo da Nova Inglaterra se sentiu afrontado e tinta preta foi aplicada sobre cenas tidas como obscenas, e uma “pessoa” no cargo de curador do museu chegou mesmo a mutilar uma das estátuas, cortando-lhe o pênis de mármore e o escondendo na gaveta de seu escritório. O falo decepado foi mais tarde encontrado por outro curador, que o recolheu à estátua emasculada. (FROST, 2010, p. 144; SOX, 1991, p. 120, 253-254).

Ned Warren fixou residência no Sul da Inglaterra com seu parceiro, o arqueólogo John Marshall, um par famoso por se chamarem, mutuamente, de *puppy*. Na *Lewes House*, Warren montou seu escritório e lhe deu o nome de *Tebas*, em lembrança aos costumes pederásticos daquela cidade grega. (WILLIAMS, 2006, p. 26).<sup>17</sup> A chave para *Tebas*, Warren sempre carregava consigo, presa a uma corrente de ouro pendurada ao redor do pescoço. (FROST, 2010, p. 144).

Não há hoje muitas dúvidas de que Warren fosse homossexual, ainda que nenhuma de suas cartas endereçadas aos homens que conheceu ou à sua família possa indicar que tenha *efetivamente* praticado a homossexualidade. Warren esteve muito ligado ao esteticismo da segunda metade do séc. XIX e acreditava na superioridade dos ideais gregos, em especial, do amor grego. (SOX, 1991, p. 17). Em sua longa lista de contatos sociais, constavam os nomes de conhecidos estetas, como Oscar Wilde, por exemplo.

Ainda que Ned Warren possa não ter praticado atos homossexuais, como querem alguns, ele certamente não escondia sua admiração pela pederastia grega, como prova um dos poemas que escreveu e que considerou sua *magnum opus*: “A Defense of Uranian Love”. (SOX, 1991, p. 17). Como era característico da doutrina do movimento esteticista, a arte grega servia de metáfora para o desejo de quebrar a ortodoxia cultural na Europa do séc. XIX, contrapondo a noção de *decadência*, erotismo e beleza não convencionais ao realismo de certos segmentos artísticos vitorianos. Os

artefatos dos impérios europeus vindos do Oriente e da África, que abarrotavam os armazéns londrinos, intercalavam-se com o colecionismo classicista que se expressava nos ambientes residenciais da classe média e da elite europeias nas grandes cidades. (COOK, 2003, p. 98-99). É nesse contexto sociocultural que Ned Warren se entregou à profissão de colecionador de obras greco-romanas de teor erótico.

Como já mencionado no início, a partir da morte de Ned Warren em 1928, a *Warren Cup* segue um tortuoso percurso até o seu atual paradeiro, o Museu Britânico. Em sua meia-idade, Ned Warren mantivera financeiramente um jovem *protégé* chamado Harry Thomas, para quem deixaria muitas das peças que colecionou ao longo da vida. Logo após a morte de Warren, a taça teria passado como herança para Thomas. A neta de Thomas se lembra de ter visto uma taça de prata, que foi remetida para venda nos Estados Unidos, mas que acabou barrada pelas autoridades alfandegárias devido aos seus relevos, tidos como imorais. Mais tarde, reenviada ao Museu de Boston, foi considerada por um *expert* alemão uma falsificação do início do século XX.<sup>18</sup> Aparentemente, e sem maiores explicações, havia no pequeno gabinete de falsificações do *Ashmolean Museum*, em Oxford, uma cópia da taça.<sup>19</sup> Até 1991, David Sox, autor de *Bachelors of art* (1991), uma biografia de Warren, estava convencido de que a peça não era do período romano, mas uma falsificação. (SOX, 1991, p. 252-253). Observa-se que, à época da publicação da obra de Sox, 1991, a taça não era ainda denominada *Warren Cup*.

Harry Thomas tentou vender a *Warren Cup* em duas ocasiões: em 1929 e em 1952, pouco antes de sua morte, tendo falhado nas duas tentativas. (WILLIAMS, 2006, p. 30). Como já mencionado, em 1953, a *Warren Cup* chegou de forma suspeita e inesperada à Nova Iorque, tendo sido lacrada e considerada pornográfica por um oficial católico e de ascendência italiana da alfândega americana. (WILLIAMS, 2006, p. 30). Aparentemente, ela havia sido oferecida por *alguém* ao *Metropolitan Museum of Art*. (FROST, 2010, p. 144).

Devolvida no ano seguinte à Inglaterra e às mãos da viúva de Thomas (que falecera em 1954), foi revendida ao colecionador John K. Hewett. A *Warren Cup* foi então oferecida ao Museu Britânico, mas esse se recusou a adquiri-la em vista do teor das representações e porque um dos principais curadores do museu, o Arcebispo de Canterbury, poderia se enfurecer com tamanha ousadia. Da mesma forma, outros museus, na Inglaterra, também a rechaçaram em razão das cenas homoeróticas, consideradas escandalosas.

Sem alarde, a *Warren Cup* acabou vendida a um colecionador particular que a levou para fora da Inglaterra.

Após ser corajosamente exibida ao público em meados dos anos 80 (séc. XX), no *Antikenmuseum*, na Suíça, a *Warren Cup* foi doada em 1992, anonimamente, ao *Metropolitam Museum of Art*, de Nova Iorque, de onde foi removida seis anos mais tarde, sem explicações, e vendida a um comerciante britânico. Foi finalmente comprada pelo Museu Britânico em 1999, por quase dois milhões de libras esterlinas, que passou a exibi-la em 2006. (WILLIAMS, 2006, p. 30-31).

É sintomático nas percepções modernas do homoerotismo que a *Warren Cup* tenha tido tanta dificuldade em ser apresentada ao público ao longo do séc. XX. Tal prurido com suas imagens reflete um longo histórico de censura ao erótico nos museus europeus. Outras peças romanas consideradas inapropriadas também foram segregadas em salas secretas nos museus da Europa, em especial na Itália. (CAVICCHIOLI, 2008, p. 55-61). Em 1795, o museu de Portici, Herculano, mantinha uma sala reservada para os objetos considerados obscenos e, em 1819, Francisco I, herdeiro do trono do Reino de Nápoles, depois de visitar o *Museo Borbonico*, concluiu que os objetos obscenos deveriam ser isolados e só liberados a quem tivesse idade e moralidade adequadas. Em 1813, foi criado naquele museu o Gabinete dos Objetos Obscenos. (FROST, 2010, p. 140).<sup>20</sup>

Já na década de 30 (século XIX), certos objetos tidos como impróprios eram também separados no Museu Britânico e, em 1840 e 1850, foi criado o *Museum Secretum* para abrigá-los. Esses objetos só seriam liberados para as devidas curadorias a partir de 1939. O último depósito no *Museum Secretum* foi feito em 1953. Depois disso, os novos objetos eram enviados para os departamentos curatoriais. Certas estátuas tinham suas partes genitais cobertas por folhas de figo ou cortadas. Nos anos de 1960 houve uma maior liberalização da censura e, em 1967, o *Sexual Offences Act* reduziu o peso criminal da homossexualidade na Inglaterra e no País de Gales. Ainda assim, desde então, não foram muitas as exposições que trataram do tema da sexualidade. (FROST, 2010, p. 140-141).<sup>21</sup>

A *Warren Cup* está em exposição permanente no Museu Britânico, na galeria 70, dedicada a Roma como “cidade imperial”. O curador da área, Dr. Dyfri Williams, explica que o propósito do museu é mostrar como o passado era diferente do presente e provocar reflexão sobre as atitudes que hoje expressamos a respeito das práticas sexuais. (FROST, 2010, p. 144).

A *Warren Cup* está exposta sobre um pedestal de acrílico, em um mostruário de vidro fechado junto com um fragmento de vidro-camafeu colorido, originalmente parte de um sofisticado recipiente de mesa, de 50-75 d.C., mostrando um jovem fazendo sexo anal com um garoto. Os dois estão sobre um sofá branco encimado por um colchão vermelho e um drapeado verde. Outro artefato exposto no mesmo mostruário é um fragmento de cerâmica arretina decorada com uma cena que muito se assemelha àquelas da *Warren Cup* e do camafeu. A peça de cerâmica teria sido de baixo custo no séc. I d.C., e a intenção do museu é mostrar como cenas de homoerotismo, ao menos masculino, seriam comuns em vários segmentos da sociedade romana. (FROST, 2010, p. 142-143).

A peça sofreu interpretações diversas desde 1998. Houve uma mostra chamada de *The Warren Cup: sex and society in ancient Greece and Rome*, entre maio e julho de 2006. A exposição, ainda que pequena, ganhou destaque por estar perto da entrada do museu. O Museu Britânico resolveu associar a história do cálice às atitudes modernas diante do homoerotismo e, na exposição, havia cartas do séc. XVIII, imagens do filme *Brokeback Mountain*, e imagens do Japão da primeira metade do séc. XIX, entre outras. A resposta dos visitantes foi muito positiva. A *Warren Cup* foi mostrada também no *Yorkshire Museum* depois de 2006, na exposição *The Warren Cup: the classical ideal*, de dezembro de 2006 a janeiro de 2007.

A *Warren Cup* mostra cenas que poderiam ser interpretadas como pedofilia pelo público moderno, mas não causaram choque ou reclamação. Contudo, exposições sobre crianças e sexualidade modernas geram um furor enorme e, geralmente, terminam com a proibição da mostra. Isso nos leva a pensar sobre o que é percebido como obsceno nos museus, e se a idade ou origem do objeto em mostra interfere na reação do público.<sup>22, 23</sup>

## Considerações finais

Motivos e temas sexuais faziam parte do cotidiano da decoração de artefatos na arte clássica, mas muitos visitantes podem não saber acerca dos usos corriqueiros, porque os museus não dizem ou se mostram ansiosos com os resultados das mostras. A exibição de artefatos como a *Warren Cup* pode levar à reflexão sobre nossas próprias atitudes diante do sexo na modernidade. O engajamento social dos museus é importante, e os museus vêm, aos poucos, promovendo narrativas e estendendo debates sobre os problemas sociais e as sexualidades antiga e moderna. (FROST, 2010, p. 140, 146).

A *Warren Cup* suscita tais debates, talvez tenha mesmo sido um objeto controverso desde a Antiguidade. E ainda que sejam discutidas as significações da prática sexual entre homens na Roma antiga, está assentada no presente a preocupação em entender a diversidade sexual que nos cerca. É disso que se trata: o estudo do passado surge de interesses de nosso tempo. Nossas pressuposições modernas afetam a forma como interpretamos o passado. Todavia, existem muitas diferenças entre nós e os antigos na forma de significar discursivamente e de representar a imagética das práticas sexuais humanas. Como aponta Paul Veyne, as estruturas da sexualidade antiga não podem se associar às nossas, nem serem por elas sobrepostas. Não há um *continuum* entre passado e presente. (VEYNE, 1990, p. 181). Como argumentam Cornwall e Lindisfarne

enquanto tudo indique que o uso do imaginário sexual seja comum aos seres humanos em todos os lugares, [...] nem o caráter de tais imagens nem suas relações com as experiências sociais são fixas ou universais. Dentro de qualquer local, as imagens sexuais são apenas uma entre muitos arcabouços de metáforas de identidades e seus usos são tão imprevisíveis *a priori* quanto são mutantes do ponto de vista daqueles que os usam (1994, p. 40).

A repulsa que marcou o trajeto moderno da *Warren Cup* pelos museus e colecionadores pode dizer muito a respeito de como as sociedades ocidentais modernas têm dado significado à sexualidade humana e, em especial, às representações e percepções do homoerotismo masculino.

## Notas

---

<sup>1</sup> Pedro Paulo Funari desafia a opinião comum de que a matriz do poder fálico sempre funcionou como vetor unilateral para a agressividade contra o “passivo”, suposta vítima da dominação patriarcal. (FUNARI, 2003, p. 323). Existe sempre o risco de tomarmos o papel do “penetrado” como essencialmente submisso e sempre vítima de sua condição de passivo, inoperante na relação sexual. (FEITOSA, 2005, p. 15).

<sup>2</sup> Como no banquete de Trimalquíão, personagem do Satíricon de Petrónio, os jantares eram momentos para exibição de riqueza em Roma. No contexto das escavações em Pompeia, vários vasilhames de prata, de diferentes formatos, foram encontrados, em geral, formando pares. Talvez, no momento das conversas entre os convivas, reclinados sobre sofás, as figuras presentes nos pares de taças repletas de vinho disputassem as atenções com as ricas decorações presentes nas pinturas parietais, uma sofisticada forma de vida que a elite encontrara para se isolar das massas, como aponta Funari. (1998, p. 50).

<sup>3</sup> Possivelmente um liberto que teria ganhado esse nome (*Cheirisophos*) – talvez um cognome que, de forma conveniente, significava “mãos hábeis” – de seu antigo amo, e que trabalharia, após ganhar notoriedade, em um ateliê na Roma do início do séc. I d.C. (MARVIN, 2008, p. 186).

<sup>4</sup> Ver comentário a respeito da diferença de idade em Williams (2010, p. 352, notas 155 e 158); o historiador da arte Cornelius Vermeule III designa o homem barbado de “idoso” (*elderly-man*), um claro exagero. (VERMEULE apud WILLIAMS, 2010, p. 352, n. 158).

<sup>5</sup> Nem sempre os analistas das imagens da *Warren Cup* visualizam essa longa mecha na parte de trás da cabeça do rapaz,

como o faz Dyfri Williams. Para Clarke, por exemplo, o rapaz tem cabelos curtos e o que se vê caída sobre sua nuca seria uma das fitas de seu laurel (CLARKE, 1998, p. 67), e não uma mexa de cabelos.

<sup>6</sup> Em ocasiões de luto, poderiam deixá-la crescer, como escreve Suetônio sobre o luto de Calígula por sua irmã, Drusila (Suet. *Caligula* 24).

<sup>7</sup> Para Clarke, as mechas que caem da cabeça do garoto penetrado são uma anomalia iconográfica que pode provar a autenticidade da *Warren Cup* contra as acusações de que seria uma fraude do século XIX. Não poderia ter havido uma cópia, pois o penteado ao estilo da época de Augusto aliado às longas mechas não havia sido antes observado se não na *Warren Cup* até meados de 1980, quando se descobriu um frasco de perfume do mesmo período romano, enterrado perto de Sevilha, Espanha. (CLARKE, 2003, p. 84).

<sup>8</sup> O negócio da prostituição era visto como muito insípido e, enquanto aqueles que se imiscuíam em seus serviços quase nunca fossem punidos, os profissionais tinham pouco valor e eram considerados traiçoeiros e indignos, vistos, por muitos, como imundos. (WILLIAMS, 1999, p. 38, 41). Todavia, a existência da prostituição jamais foi questionada e tampouco a existência e disponibilidade de profissionais de ambos os sexos (p. 46).<sup>9</sup> Vale a pena lembrar que tais aspectos são o que se *esperaria* que acontecesse e dificilmente se traduziriam na realidade da Roma Antiga. Contudo, se os atos desviantes da ideologia prevalente se tornassem públicos, poderia haver algum tipo de dificuldade para o acusado. De fato, as aparências pareciam dizer muito mais do que a realidade em Roma. A chave para o sucesso seria manter relações

malvistas em segredo a todo custo. O cidadão romano livre, se acusado de ter assumido papel passivo diante de homens ou mulheres, quer seja forçadamente ou de bom grado, ainda que fosse apenas um rumor, poderia ser vítima de chacotas, sendo chamado de efeminado (*cinaedus*), ou até mesmo, ver sua ruína política e social, pois seria marcado pela mácula do *stuprum*. (WILLIAMS, 1999, p. 10-14). Assim, não podemos deixar a impressão de que na Antiguidade não havia repressão aos atos sexuais considerados impróprios. (VEYNE, 1990, p. 181, minha ênfase). Não parece apropriado falar em “repressão” ao desejo de penetrar homens e mulheres de qualquer idade no mundo romano. (WILLIAMS, 2010, p. 263). Para uma opinião que apresenta os *cinaedi* como um segmento distinto da sociedade, ver Richlin (1993).

<sup>10</sup> L. P. Wilkinson (1978, p. 136) e Ramsay MacMullen (1982, p. 488, 491) são alguns dos autores que defendem a presença da pederastia em Roma como um presente insidioso que acompanhou a assimilação da cultura grega. Embora autores como Paul Veyne (1990, p. 178-179) e Eva Cantarella (1992, p. 104) descartem essa tese, é significativo o número de classicistas que atribuem a existência da homossexualidade masculina em Roma à influência grega, ainda que apontem para certa dose de condescendência dos romanos com a prática. (WILLIAMS, 1999, p. 15-16).

<sup>11</sup> O *stuprum* era o crime das relações sexuais, voluntárias ou não, consideradas indignas. *Stuprum* era uma mácula do sangue, irreversível, que poderia recair sobre homens e mulheres livres. Os escravos e as prostitutas estavam fora do alcance dessa marca. (GRIMAL, 1991, p. 118-119; POMEROY, 1995, p. 160). A pederastia aos moldes gregos poderia ser um tipo de *stuprum*; não porque o penetrado era do sexo masculino, antes, pelo *status* de *ingenuus* do jovem

penetrado. (WILLIAMS, 1999, p. 98; VEYNE, 1990, p. 178).

<sup>12</sup> Na década de 60 (séc. XX), o historiador da arte Cornelius Vermeule III propôs que a *Warren Cup* mostrava uma imagem satírica de dois filhos de Augusto, por conseguinte, sua iconografia remetia ao riso com o exagero e o ridículo do que se vê. (VERMEULE, 1963, p. 39). Poucos hoje concebem a natureza cômica da taça, por falta de elementos comparativos que possam dar subsídio à hipótese de Vermeule. (CLARKE, 1998, p. 87; 2003, p. 61; POLLINI, 1999, p. 28).

<sup>13</sup> Clarke minimiza a força de transgressão da imagem ao dizer, logo depois, que o rapaz penetrado era um “hábil escravo-sexual” (CLARKE, 2003, p. 62), fato que o tornaria de *status* inferior a qualquer homem livre romano. A aparente contradição é notada por Craig Williams. (2010, p. 352, n. 155).

<sup>14</sup> Entre obras recentes desse autor, ver: Cerqueira (2010, 2011).

<sup>15</sup> Para a primeira biografia feita sobre Edward Perry Warren, ver: Osbert e Goddard (1941).

<sup>16</sup> Em 1989, Colin Tompsett, então proprietário do escritório de restauros *George Justice*, na vizinhança da antiga residência de Warren, a *Lewes House*, encontrou em um barracão de madeira, intactas desde o início do século XX, duas caixas de charutos repletas de camafeus e de outras peças entalhadas, muitas com figuras gregas e romanas. Quase um terço das peças tinha caráter erótico, algumas com cenas explícitas de homossexualidade. (SOX, 1991, p. 252-253).

<sup>17</sup> Há relatos de Beazley sobre o “Santo Graal” de Warren, que era mostrado apenas aos mais seletos amigos na *Lewes House* (WILLIAMS, 2006, p. 26), talvez a *Warren Cup*?

<sup>18</sup> A questão da falsificação se torna mais premente e grave em vista de novas

descobertas na década de 90 (séc. XX) de documentos que enfatizam a temerária proximidade de Warren com grandes falsificadores europeus do início do século XX, e de comprovadas fraudes, como é o caso dos moldes de vasos de cerâmica arretina falsificados, saídos de sua coleção particular para vários museus ao redor do mundo. (SOX, 1991, p. 252). Testes químicos feitos nos resíduos de sua superfície, e estudos de sua liga metálica apontam que é do período romano. (WILLIAMS, 2006, p. 7) e questões iconográficas apontadas por Clarke também parecem confirmar a autenticidade da peça. (CLARKE, 2003, p. 84).

<sup>19</sup> A referida cópia do *Ashmolean* pode ter sido um presente de Warren para o arqueólogo John Beazley. (WILLIAMS, 2006, p. 26).

<sup>20</sup> O museu mudou de nome em 1861 para se chamar Museu Nacional Arqueológico de Nápoles. (FROST, 2010, p. 140). Para mais informações sobre o Gabinete, ver Grant e Mulas (1997), Caro (2000) e Feitosa (2008).

<sup>21</sup> Enquanto o museu de Nápoles criou uma exibição de seu gabinete em 2000, o Museu Britânico optou por manter o *Museum Secretum* intacto, a fim de mostrar como o século XIX percebia e selecionava seus objetos. (FROST, 2010, p. 141).

<sup>22</sup> A reação foi das piores durante a exibição *I am a Camera*, culminando com a invasão policial da *Saatchi Gallery* em Londres, em 2001, para apreensão de material considerado pedófilo e prisão da fotógrafa Tierney Gearon: as fotos eram de suas próprias crianças (FROST, 2010, p. 145).

## Referências

---

- CANTARELLA, E. *Bisexuality in the Ancient World*. Trad. de C. O. Cuilleain. New Haven: Yale University Press New Haven, 1992.
- CARO, S. de. *The secret cabinet in the National Archaeological Museum*. Nápoles: Electa, 2000.
- CAVICCHIOLI, M. Sexulidade, política e identidade: as escavações e a coleção erótica. In: FUNARI, P. P. A.; SILVA, G. S.; MARTINS, M. (Org.). *História antiga: contribuições brasileiras*. São Paulo: Annablume, 2008.
- CERQUEIRA, F. V. Homoerotismo, sedução e violência na Grécia antiga: presentes e raptos, visões da pederastia na iconografia da cerâmica ática (séc. V a.C.). In: GRILLO, J. G., GARRAFFONI, R. S.; FUNARI, P. P. A. (Org.). *Sexo e violência: realidades antigas e questões contemporâneas*. São Paulo: Annablume, 2011. p. 73-102.
- CERQUEIRA, F. V. Digressões sobre o sentido e a interpretação das narrativas iconográficas dos vasos áticos: o caso das representações de instrumentos musicais. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 20, p. 219-233, 2010.
- CLARKE, J. R. *Looking at Lovemaking: constructions of sexuality in Roman art 100 BC – A.D. 250*. Los Angeles: University of California Press, 1998.
- CLARKE, J. R. *Roman sex 100 BC – AD 250*. Nova Iorque: Harry N. Abrams, 2003.
- COOK, M. *London and the culture of homosexuality: 1885-1914*. Cambridge: CUP, 2003.
- CORNWALL, A.; LINDISFARNE, Nancy (Ed.). *Dislocating masculinity: comparative ethnographies*. Londres: Routledge, 1994.
- FEITOSA, L. C. *Amor e sexualidade: o masculino e o feminino em grafites de Pompéia*. São Paulo: Annablume, 2005.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. 16. ed. São Paulo: Graal, 2005.
- FROST, S. The Warren Cup: Secret Museums, Sexuality, and Society. In: LEVIN, Amy K. (Ed.). *Gender, sexuality and museums*. Londres: Routledge, 2010. p. 138-150.
- FUNARI, P. P. A. *Roma: vida pública e vida privada*. 8. ed. São Paulo: Atual Editora, 1998.
- FUNARI, P. P. A. Falos e relações sexuais: representações romanas para além da “natureza”. In: FUNARI et al. 2003. p. 317-25.
- FUNARI, P. P. A.; FEITOSA, L.; SILVA, G. J. da (Org.). *Amor, desejo e poder na Antigüidade*. Campinas: Unicamp, 2003.
- GRANT, M. ; MULAS, A. *Eros in Pompeii*. Nova Iorque: Stewart, Tabori and Chang, 1997.
- GREENBERG, D. F. *The construction of homosexuality*. Chicago, 1988.
- GRIMAL, P. *O Amor em Roma*. São Paulo: M. Fontes, 1991.
- MACMULLEN, R. Roman Attitudes to Greek Love. *Historia* v. 31, p. 482-502, 1982.
- MARVIN, M. *The language of the muses: the dialogue between Roman and Greek sculpture*. Los Angeles: J. Paul Getty Museum, 2008.
- OLIVA NETO, J. A Warren Cup e os poemas pederásticos de Catulo: considerações sobre o erotismo nas artes da Roma antiga. *Revista de História da Arte e Arqueologia*, v. 2, p. 45-58, 1995/6.

- OSBERT, Burdett; GODDARD, E. H. *Edward Perry Warren: the biography of a connoisseur*. Londres: Christophers, 1941.
- POLLINI, John. The Warren Cup: homoerotic love and symposium rhetoric in silver. *Art Bulletin*, v. 81, p. 21-52, 1999.
- POMEROY, S. B. *Goddesses, whores, wives, and slaves*. Nova Iorque: Schoken, 1995.
- RICHLIN, A. Not before homosexuality: the materiality of the *Cinaedus* and the Roman law against love between Men. *Journal of the History of Sexuality*, v. 3, 523-73, 1993.
- SINFIELD, A. *Cultural politics: queer reading*. Londres: Routledge, 1994
- SOX, David. *Bachelors of art: Edward Perry Warren and the Lewes House Brotherhood*. Londres: Fourth State, 1991.
- VERMEULE, C. C. Augustan and Julio-Claudian court silver. *Antike Kunst*, v. 6, p. 33-40, 1963.
- VEYNE, P. *A sociedade romana*. Lisboa: Edições 70, 1990.
- WEEKS, J. *Coming out: homosexual politics in Britain from the nineteenth century to the present*. Londres, 1977.
- WILKINSON, L. P. *Classical attitudes to modern issues*. Londres, 1978.
- WILLIAMS, C. A. *Roman homosexuality: ideologies of masculinity in classical antiquity*. Nova Iorque: OUP, 1999.
- WILLIAMS, C. A. *Roman homosexuality*. 2. ed. Nova Iorque: OUP, 2010.
- WILLIAMS, D. *The Warren Cup*. Londres: The British Museum Press, 2006.